

“Aperta o passo” ou “um passo de cada vez”?

Pricila Pesqueira de Souza

Resumo

O dispositivo do passe foi criado por Lacan a fim de manter sempre aberta a pergunta: o que é um psicanalista? Juntamente com o cartel, o passe sustenta o conceito de Escola. Neste trabalho, abordo minha experiência como passadora, os efeitos da experiência em minha relação com a Escola e, mais especificamente, abordo esse momento da análise pessoal em que uma passadora é designada: o “começo do fim”. Para tal, recorro ao livro *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. O artigo é uma tentativa de aproximar a obra de Gabo da “Proposição de 9 de outubro de 1967”.

Palavras-chave:

Passe; Passadora; *Cem anos de solidão*.

“Fast step” or “one step at a time”?

Abstract

The pass device was created by Lacan in order to always keep the question open: what is a psychoanalyst? Together with the cartel, the pass supports the concept of School. In this work, I address my experience as a passer, the effects of the experience on my relationship with the School and, more specifically, I address this moment of personal analysis in which a passer is designated: the “beginning of the end”. To do this, I turn to the book *One Hundred Years of Solitude* by Gabriel García Márquez. The article is an attempt to bring Gabo’s work closer to the “Proposition of October 9, 1967”.

Keywords:

Pass; Passer; *One Hundred Years of Solitude*.

1 Trabalho apresentado no Espaço Escola do XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil).

¿“Paso rápido” o “un paso a la vez”?

Resumen

El dispositivo del pase fue creado por Lacan para mantener siempre abierta la pregunta: ¿qué es un psicoanalista? Junto con el cartel, el pase apoya el concepto de Escuela. En este trabajo abordo mi experiencia como pasador, los efectos de la experiencia en mi relación con la Escuela y, más específicamente, abordo ese momento de análisis personal en el que se designa a un pasador: el “principio del fin”. Para ello recurro al libro *Cien años de soledad* de Gabriel García Márquez. El artículo es un intento de acercar la obra de Gabo a la “Proposición del 9 de octubre de 1967”.

Palabras clave:

Pase; Pasador; *Cien años de soledad*.

« Étape rapide » ou « Une étape à la fois » ?

Résumé

Le dispositif du passe a été créé par Lacan afin de toujours garder ouverte la question : qu'est-ce qu'un psychanalyste ? Avec le cartel, le pass soutient le concept d'École. Dans ce travail, j'aborde mon expérience de passeur, les effets de l'expérience sur mon rapport à l'École et, plus spécifiquement, j'aborde ce moment d'analyse personnelle dans lequel un passeur est désigné : le « début de la fin ». Pour ce faire, je me tourne vers le livre *Cent ans de solitude* de Gabriel García Márquez. L'article tente de rapprocher l'œuvre de Gabo de la « Proposition du 9 octobre 1967 ».

Mots-clés :

Passer ; Passeur ; *Cent ans de solitude*.

O passe e o cartel são dispositivos que sustentam, em Lacan, o conceito de Escola e que abordam, portanto, a formação do analista. O passe, especificamente, mantém sempre aberta a pergunta: o que é um psicanalista? Tenta dizer algo da maneira sempre singular como cada sujeito conseguiu sair do imbróglio de seu sintoma. Passante é como chamamos o sujeito que já terminou sua análise e pede o passe à Escola; passador é o sujeito que está no começo do fim de seu percurso no divã, ele ainda não se desembaraçou. Em *Hamlet*, quando Bernardo precisa convencer Horácio do aparecimento do fantasma do rei, diz o seguinte: “E deixa mais uma vez atacarmos teus ouvidos, fortificados contra a nossa história” (Shakespeare, 1997, p. 14). Acho que essa expressão de Shakespeare cai bem para a posição do passador: alguém cujo caminho na própria análise colheu uma consequência, a saber: os ouvidos não estão mais tão fortificados na escuta do outro. Segundo Dominique Fingermann,

(...) o que prova um passador é a constatação, em sua cura, de uma porta que bate em alternância, rasgando a cada vez um pouco mais a verdade na qual ele conforma sua fantasia. É a repetição que rasga a verdade, se o ato do psicanalista souber esvaziá-la de seu drama e produzi-la como furo da trama. (Fingermann, 2016, p. 119)

Ainda sobre o passador, Dominique também afirma:

Ainda não, quase, por um fio, é o começo do fim que pode dar muitas voltas ainda, oscilando entre o conforto subjetivo da transferência e suas vicissitudes de uma destituição subjetiva que não se conforma ainda com o des-ser do analista e a inconsistência do Outro, ainda não: momentos depressivos indicados por Lacan (momentos inimitáveis — diz ele — não adianta fingir). (Fingermann, 2016, p. 88)

Depois que escutei a passante, em um final de tarde fria de Buenos Aires, tive um impulso de caminhar. Senti vontade de caminhar, porque ouvi-la me fez compreender que eu tinha urgência e que urgência é diferente de pressa. A bem da verdade, a pressa faz a gente dar um passo maior que a perna. Por isso o título do meu texto começa com esta expressão familiar: aperta o passo, que significa anda rápido, apresse-se, ligeiro. Freud (1912/1992), diante da pergunta do analisante sobre quanto iria durar o tratamento, responde: caminhe.

Depois de quase duas décadas caminhando, tive um sonho que foi uma espécie de clarão. Finalmente, enterrar um pai que morreu quando a filha tinha 3 anos, e o irmão 11 meses, que deixou uma jovem para sempre viúva e levou consigo, três

anos depois, a mãe, minha avó, que havia jurado a própria morte sob o caixão do filho. Esse homem que era uma joia — *joi* —, eu ainda preciso separar o joio do trigo — *enjoy*. Conto aqui o sonho: recebo os restos mortais de meu pai, eles estão dentro de uma sacola de papel. Penso, aliviada: finalmente, vou enterrar meu pai. Meu irmão me chama para seu aniversário, ele e a JOIce fariam uma festa juntos, mas ela não estava presente. Meu irmão me faz um pedido: você pode fingir que é a JOIce? Eu digo que não posso e que acho aquilo um absurdo e que tenho urgência em enterrar meu pai. Começo a colocar, com as mãos, seus restos em um caixão. Era uma mistura de areia com ossos. No meio dos restos, pego uma JOIA e coloco no caixão. Logo penso que é imprudente enterrar uma joia. Mas não tenho tempo de pegá-la de novo. Pego outro punhado de restos e há outra joia. Guardo comigo. Quando tudo está pronto para o enterro, devo enterrar junto com meu pai uma menina que incomoda muito a mãe. Ela chora muito. Digo que não vou enterrar a menina. Que a mãe deve cuidar dela. Esse sonho foi como o relâmpago da tempestade: alguns segundos após o clarão, podemos ouvir o estrondo ame-drontador do trovão. Ele me fez, por um instante, tão feliz, pela visão de elementos importantes da minha neurose, da minha fantasia, mas também inaugurou um período muito penoso de minha análise, um estrondo. Para mim, portanto, a ligação da passante não foi uma surpresa tão grande assim. Eu não tinha certeza, como não tinha de nada nesse momento da análise, mas tinha uma ideia.

Para tentar dizer algo desse momento da análise, o começo do fim, recorro a Gabriel García Márquez. No livro *Cem anos de solidão*, Gabo nos diz que a fundação de Macondo se deu quando Jose Arcádio desiste de encontrar o mar ao cabo de 26 meses de aventura. E, para não fazer o caminho de volta, pois “...era, pois, um caminho que não lhe interessava, porque só podia conduzir ao passado” (Márquez, 1967/2017, p. 17), Jose Arcádio resolve fundar Macondo ali mesmo. Depois de alguns anos, não mais procurando o mar, mas com o objetivo de abrir um caminho entre Macondo e o lugar de grandes inventos, Jose Arcádio inicia uma nova empreitada. A descrição que o narrador faz dessa caminhada lembrou-me uma análise. Ele diz: “Nos primeiros dias, não encontraram obstáculo apreciável” (Márquez, 1967/2017, p. 17). É assim no início. Na “Proposição”, Lacan comenta: “A destituição subjetiva gravada no bilhete de ingresso... não será isso provocar o horror, a indignação, o pânico ou até o atentado, ou, pelo menos, dar um pretexto para a objeção de princípio?” (Lacan, 1967/2003, p. 257). Ao que Lacan responde: “Falar de destituição subjetiva jamais deterá o inocente, que não tem outra lei senão seu desejo” (Lacan, 1967/2003, p. 258). Eu poderia dizer com Gabo: aqueles que estão procurando a beleza do A mar não ficam com medo.

Depois, durante mais de dez dias, não tornaram a ver o sol. O chão tornou-se mole e úmido, feito cinza vulcânica, e a vegetação ficou cada vez mais

insidiosa e se fizeram cada vez mais distantes os gritos dos pássaros e a algazarra dos macacos, e o mundo ficou triste pra sempre. Os homens da expedição sentiram-se angustiados por suas recordações mais antigas naquele paraíso de umidade e silêncio, anterior ao pecado original, onde as botas afundavam em poços de óleo fumegantes e os facões destroçavam lírios sangrentos e salamandras douradas. Durante uma semana, quase sem falar, avançaram como sonâmbulos por um universo de desassossego, alumbrados apenas por uma tênue reverberação de insetos luminosos e com os pulmões agonizados por um sufocante cheiro de sangue. Não podiam regressar, porque a trilha que abriam enquanto caminhavam tornava a se fechar em um instante, com uma vegetação nova que quase viam crescer diante de seus olhos. “Não importa”, dizia Jose Arcádio Buendia. “O essencial é não perder a direção”. Sempre atento à bússola, continuou guiando seus homens rumo a um norte invisível, até que conseguiram sair da região encantada. Era uma noite densa, sem estrelas, mas a escuridão estava impregnada por um ar novo e limpo. Exauridos pela longa travessia, dependuraram suas redes e dormiram pesado pela primeira vez em duas semanas. (Márquez, 1967/2017, p. 18)

Há um ponto da análise, e me lembro de dizer isso à analista, em que não há mais regresso. É seguir ou seguir. Não porque não haja a covardia, já que, para Lacan (1967/2003, p. 253), “(...) o covarde, não sendo louco, pode muito bem se arranjar com o olhar que o fita”. Porém, ainda com Lacan (1967/2003, p. 258): “Só temos escolha entre enfrentar a verdade ou ridicularizar nosso saber.” Por isso, o passe é essencial, por isso está no coração da Escola, pois não é necessário apenas ir bem longe, é necessário ir até o fim e, quando possível, dar o testemunho disso. Em 1912, Freud (1912/1992, p. 118) disse: “É preciso ser sobretudo tolerante com a debilidade do doente, dar-se por contente se, ainda não sendo isso de todo valioso, ele recuperou um pouco da capacidade de produzir e de gozar.” Fica bem evidente que esse fim do produzir e gozar não é a joia da psicanálise, ainda que muitos pacientes parem por aí. Já no fim de sua vida, em “Análise terminável e interminável”, Freud (1937/1992) fala das inúmeras dificuldades de levar uma psicanálise até o fim, o “rochedo da castração” parece a ele quase intransponível. É um texto muito difícil, em que Freud fala da pulsão, desse Real que atravessa os sujeitos. Em seu livro *A (de)formação do psicanalista*, Dominique Fingermann aborda a pergunta bastante comentada, tema de muitos debates dentro e fora da psicanálise, que é: como se forma um analista? Ela nos diz:

O que faz o analista, aquilo que produz sua capacidade de operar psicanaliticamente, é sua relação singular com o Real, com aquilo que está fora

de cogitação e de imaginação, e com o qual a clínica o confronta. O que forma um psicanalista é “psicanálise pura”, e isso não se aprende nos programas de formação, não cabe nas cartilhas, apreende-se na experiência: “o que salva do ensino, é o ato...” ou ainda, como diz Estamira no filme-documentário de mesmo nome, “na escola não se aprende não! Se copia. Se aprende é nas ocorrências”. Apreende-se na ocorrência da travessia de sua análise como sustentar as diversas ocorrências das análises dos futuros analisantes. (Fingermann, 2016, p. 35)

Voltemos a *Cem anos de solidão*. Então, sem esperar por isso, o grupo de homens à procura do novo encontram um galeão, indício de que o mar está próximo. Mais adiante no texto, Gabo continua: “Considerava uma ironia de seu travesso destino ter buscado o mar sem encontrá-lo, ao preço de sacrifícios e penas sem conta, e ter encontrado o mar sem buscá-lo, atravessado em seu caminho como um obstáculo invencível” (Márquez, 1967/2017, p. 19). Quando, finalmente, encontram o mar, “ele era cor de cinza, espumoso e sujo, que não merecia os riscos e sacrifícios de sua aventura” (Márquez, 1967/2017, p. 19). Com Lacan (1967/2003), dizemos: *Sicut palea*, estrume.

O encontro com o vazio, o virar pó das ilusões. Acreditamos que construímos essas ilusões sob alicerces inquebrantáveis; na verdade, elas são construídas sob a terra nada firme de pântanos. Nós nem sabemos que construímos, entendemos que são verdades que estão aí desde todo sempre. Passamos uma vida tentando dar consistência a esse castelo fortificado da fantasia, que mais parece uma casa muito engraçada, que não tem teto nem nada, mas é feita com muito esmero, na rua dos bobos, número zero.² Lacan (1974) diz: os não tolos erram.

Ouvir a passante foi, para mim, o ponto mais forte da experiência. Eu desejava ser passadora para ouvir nos detalhes um fim de análise. Eu queria os detalhes. Como uma pedra bruta se torna uma pedra talhada, um brilhante? É preciso o corte para aparecer o brilho. Recorro a uma música de Daniel Black: “As cores mudam/ As mudas crescem/ Quando se desnudam/ Quando não se esquecem/ Das dores que deixamos para trás/ Sem saber que aquele choro valia ouro”.³ Esse encontro com a passadora teve efeitos muito importantes em minha análise, efeitos de desidealização e de esperança. Pois, ainda que o mar não seja tudo isso, escutar alguém que saiu da floresta densa que cheira a sangue e se atou, com certeza, na vida, que fez do mar cinza entusiasmo, é impressionante. O que falar da relação entre Fórum e Escola a partir dessa experiência? Para mim, foi o encontro com o S (A) na Escola, que permanecia em uma posição idealizada. Eu

2 Referência à música “A casa”, de Vinicius de Moraes.

3 Música “Maior”, de Daniel Black.

já era membro de Escola, burocraticamente, mas o encontro com o furo no saber do passe me colocou desperta, me tirou da posição: “as funções da Escola são dos Grandes Outros”.

Para responder à pergunta do título, considero melhor dar um passo de cada vez, já que, segundo Manoel de Barros (1996): “Meu desnome é Andaleço. Andando devagar eu atraso o final do dia.” Até porque outro sonho me disse que pior do que *Cem anos de solidão* é não ter anos, é estar sem Anos.

Referências bibliográficas

- Barros, M. (1996). O andarilho. In M. Barros. *Livro sobre o nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Black, D. (2019). Maior. In D. Black. *Frequência rara*. Audiomobile.
- Fingermann, D. (2016). *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1992). *Conselhos aos médicos sobre o tratamento psicanalítico* (Vol. XII, pp. 107-119). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1992). *Análise terminável e interminável* (Vol. XXIII, pp. 211-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937)
- Lacan, J. (1974). *Séminaire 21 : le non-dupes errent*. Inédito.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Márquez, G. G. (2017). *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1967)
- Morais, V. (1980). A casa. In V. de Moraes et al. *A arca de Noé*. Universal Music. Ltda.
- Shakespeare, W. (1997). *Hamlet* (M. Fernandes, Trad.). Porto Alegre: L&PM.

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023